

País precisa superar ódio, diz arcebispo de Aparecida



Arcebispo Dom Orlando Brandes à frente de Jair Bolsonaro durante missa nesta quarta. Eduardo Knapp/Folhapress

Aparecida tem alvoroço com Bolsonaro, recados de arcebispo e tensão eleitoral

Presidente participa de missa pelo Dia de Nossa Senhora Aparecida com o aliado Tarcísio de Freitas e escuta vaias e aplausos dos fiéis

APARECIDA (SP), SÃO PAULO, BELO HORIZONTE E BRASÍLIA. O presidente Jair Bolsonaro (PL), em campanha pela reeleição, causou alvoroço ao participar de missa pelo Dia de Nossa Senhora Aparecida, nesta quarta-feira (12), no santuário dedicado à santa.

A passagem por Aparecida (SP) foi marcada por recados desfavoráveis de representantes da Igreja Católica e aplausos e vaias de eleitores.

Um dia antes da visita, a CNBB (Conferência Nacional dos Bispos do Brasil), principal entidade da igreja no país, lamentou a "exploração da fé e da religião como caminho para angariar votos no segundo turno" e afirmou que "momentos especificamente religiosos não podem ser usados por candidatos".

O arcebispo de Aparecida, dom Orlando Brandes, disse na manhã desta quarta, antes da chegada de Bolsonaro à basílica, que "é preciso vencer os dragões do ódio e da mentira". Na fala, durante a homilia da principal missa do dia, Brandes mencionou ainda os desafios do desemprego, da fome e da incredulidade.

A frase foi dirigida a uma multidão de católicos que lotou o templo. A festa em homenagem à padroeira do Brasil voltou, depois de dois anos de pandemia, a receber o público sem restrições de circulação ou capacidade.

O arcebispo expressou certo incômodo ao ser questionado sobre a presença na festividade religiosa do presidente e de Tarcísio de Freitas (Republicanos), candidato do bolsonarismo ao Governo de São Paulo.

"Não podemos julgar, mas precisamos ter uma identidade religiosa. Ou somos evangélicos ou somos católicos. Precisamos ser fiéis à nossa identidade católica, mas, seja qual for a intenção, vai ser bem recebido, porque é o nosso presidente", afirmou o sacerdote.

Bolsonaro esteve pela manhã em Belo Horizonte para

a inauguração de um templo da igreja evangélica Mundial do Poder de Deus, do apóstolo Valdemiro Santiago. Junto ao governador reeleito Romeu Zema (Novo), que o apoia, o mandatário acompanhou uma sessão de cura e ouviu Valdemiro pedir jejum de 12 horas até o dia da eleição, pela "nação, pelo presidente e pela primeira-dama".

O ambiente e as falas na capital mineira foram favoráveis à reeleição e aos discursos de campanha do político, mas a Folha ouviu de uma fiel a reclamação de que, se soubesse que haveria campanha eleitoral no templo, ela não teria ido até lá.

O presidente, que se diz católico, mas transita entre evangélicos e detém o apoio de líderes do segmento, fez um discurso em que exaltou o Brasil como um país majoritariamente cristão e disse respeitar todas as religiões.

À tarde, sob vaias e aplausos, Bolsonaro chegou ao Santuário Nacional de Aparecida (a 180 km de SP) acompanhado de Tarcísio e de outros aliados, como o senador eleito Marcos Pontes (PL-SP), o ministro da Saúde, Marcelo Queiroga, e a deputada federal Bia Kicis (PL-DF). A primeira-dama Michelle, que é evangélica, não acompanhou o marido.

Parte do público gritou "mito". O padre Eduardo Ribeiro, que conduzia a cerimônia, pediu silêncio para iniciar a celebração. "Silêncio. Prepare o seu coração, viemos aqui para rezar", afirmou.

A missa transcorreu de forma serena, sem a presença de Bolsonaro no altar — em 2021, o presidente foi encarregado de fazer a primeira leitura.

Na homilia, o pároco Eduardo Catalfo pediu paz para a nação e enalteceu Nossa Senhora Aparecida como mulher negra e a representação do povo brasileiro.

Fora do templo, um jovem de camiseta vermelha — cor associada ao ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) —

foi alvo de uma multidão enfurecida que gritava "mito" enquanto a comitiva do presidente estava em uma tenda de peregrinos. O homem, inicialmente, ficou encurralado em um círculo e, depois, quando tentou fugir, foi perseguido aos gritos de "Lula, ladrão, seu lugar é na prisão".

A hostilidade dos bolsonaristas só acabou quando o homem de vermelho sumiu entre os corredores da igreja, sem ser agredido fisicamente.

A comitiva presidencial não viu a cena. "É pensar que aqui é a casa de Deus", falou uma mulher assustada, com uma camiseta de romaria de São José dos Campos (SP).

Após a missa, o presidente foi convidado para rezar um rosário na basílica antiga, a primeira construída em devoção à santa. A atividade foi organizada pelo Centro Dom Bosco, de católicos conservadores que não tem ligação com o santuário nacional.

Bolsonaro não compareceu, mas o anúncio de sua possível ida atraiu centenas de apoiadores ao local e houve princípio de confusão, com xingamentos e intimidações. Apoiadores do presidente partiram para cima de uma equipe de jornalistas da TV Vanguarda, afiliada da Rede Globo.

Depois que Bolsonaro deixou a igreja antiga, o padre Camilo Júnior disse durante uma celebração que o dia deveria ser dedicado à santa católica, e não a eleições. "Parabéns a você que está aqui dentro e está rezando, porque hoje não é dia de pedir voto, hoje é dia de pedir bênção", afirmou, sob aplausos.

Os organizadores da missa devem divulgar o total de público nesta quinta (13). Há, entre eles, a certeza de que havia muito mais pessoas que os cerca de 70 mil fiéis do ano passado, mas ainda menos que os 166 mil de 2019, antes da Covid-19. Carlos Petrólio, Fábio Pescarini, Joelmir Tavares, Leonardo Augusto e Renato Machado

foi alvo de uma multidão enfurecida que gritava "mito" enquanto a comitiva do presidente estava em uma tenda de peregrinos. O homem, inicialmente, ficou encurralado em um círculo e, depois, quando tentou fugir, foi perseguido aos gritos de "Lula, ladrão, seu lugar é na prisão".

A hostilidade dos bolsonaristas só acabou quando o homem de vermelho sumiu entre os corredores da igreja, sem ser agredido fisicamente.

A comitiva presidencial não viu a cena. "É pensar que aqui é a casa de Deus", falou uma mulher assustada, com uma camiseta de romaria de São José dos Campos (SP).

Após a missa, o presidente foi convidado para rezar um rosário na basílica antiga, a primeira construída em devoção à santa. A atividade foi organizada pelo Centro Dom Bosco, de católicos conservadores que não tem ligação com o santuário nacional.

Bolsonaro não compareceu, mas o anúncio de sua possível ida atraiu centenas de apoiadores ao local e houve princípio de confusão, com xingamentos e intimidações. Apoiadores do presidente partiram para cima de uma equipe de jornalistas da TV Vanguarda, afiliada da Rede Globo.

Depois que Bolsonaro deixou a igreja antiga, o padre Camilo Júnior disse durante uma celebração que o dia deveria ser dedicado à santa católica, e não a eleições. "Parabéns a você que está aqui dentro e está rezando, porque hoje não é dia de pedir voto, hoje é dia de pedir bênção", afirmou, sob aplausos.

Os organizadores da missa devem divulgar o total de público nesta quinta (13). Há, entre eles, a certeza de que havia muito mais pessoas que os cerca de 70 mil fiéis do ano passado, mas ainda menos que os 166 mil de 2019, antes da Covid-19. Carlos Petrólio, Fábio Pescarini, Joelmir Tavares, Leonardo Augusto e Renato Machado

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal Folha de S. Paulo

Seção: Política **Caderno:** A **Página:** 4